

### *Nos cuidados da própria saúde, preocupação com os filhos*

O precário estado de saúde de Dona Lucília causava constante apreensão a seus filhos, e os levava a não pouparem esforços nem recursos a fim de aliviá-la — o quanto estava ao alcance deles — da penosa enfermidade de fígado que a acometia. Por tal motivo nunca deixaram de lhe proporcionar longas permanências em Águas da Prata, que resultavam em sensíveis melhoras para ela.

Porém, na sinceridade de seu desprendimento, mais preocupada com os outros do que consigo mesma, Dona Lucília não queria pensar no orçamento dos filhos. Receava fazerem excessivos gastos com ela e, como se pode comprovar por afetuosa resposta de Dr. Plínio, chegou a externar isso numa de suas cartas, infelizmente perdida:

*Santos, 27 de março [de 1942]*

*Mãezinha,*

*Recebi sua ultima carta, da qual lhe devo dizer francamente que, se uma parte me agradou muito, a outra não me desagradou menos.*

*Agradou-me muito, é claro, saber que a Sra. está, graças a Deus, passando melhor.*

*No entanto, a forma pela qual a Sra. se refere ao interesse que Rosée e eu tomamos por sua saúde, me desagradou categoricamente. Em tudo, meu bem querido, é preciso ser-se lógico. Em primeiro lugar, o que Rosée e eu estamos fazendo não passa de trivialidades, certamente feitas com grande affecto, mas que nem por isto deixam de estar na orbita das trivialidades. O que de mais natural, do que ella levar a Sra. para a casa, e lá lhe dispensar todo o carinho? Pois não é sua filha? O que é ser filha? De minha parte, o que de mais vulgar, do que empregar algum dinheiro para o bem estar de minha Mãe? Se o dinheiro que com o auxílio de Nossa Senhora tenho podido ganhar, não se empregasse com suma satisfação neste assumpto, mereceria eu o castigo de que elle me fugisse inteiramente das mãos, pois que, gastando-o assim, outra coisa não faço senão dar cumprimento a uma obrigação grave, cuja observancia de minha parte é destes "minimuns" que se exigem de qualquer pessoa de sentimentos vulgarmente bem formados.*

*Por outro lado, ainda que o sacrificio fosse de monta, sendo feito para a Sra., estaria idealmente bem, e não poderia estar melhor. Se eu precisasse da Sra. um sacrificio pesado, pedil-o-ia e acceital-o-ia com tão absoluta naturalidade, com tal certeza da inteira dedicação com que a Sra. o prestaria, que nem me ocorreria de fazer lamentações sobre o caso. Não sei porque a Sra. ha de imaginar que a reciproca não deve ser a mesma.....*

*Assim, meu bem, nada de lamurias, de lamentações, de agradecimentos. Agradeça simplesmente a Deus e a Nossa Senhora que tenhamos com que fazer face às necessidades, e lhes peça que continue a ser sempre assim. Quanto ao mais, o assumpto está definitivamente encerrado, ouviu meu bem?*

A seguir, a carta nos coloca uma vez mais ante a perspectiva da Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil acabara de se envolver. De fato, após ter mantido, junto com o bloco maciçamente católico de nações latino-americanas, uma tal ou qual neutralidade, nosso país entrou na guerra quando a opinião pública de modo definido se decidiu contra o nazismo. Solidário com os Estados Unidos, que acabavam de sofrer o ataque de Pearl Harbour (7 de dezembro de 1941), o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo.

A propósito dos novos panoramas, Dr. Plínio comentava na mesma carta:

*[Imagino que contaram] á Sra. o excellente passeio que fizemos ao forte Munduba. Estava muito impressionante a sensação de, em pleno território nacional, nos encontrarmos em uma autêntica "maginot" excavada dentro da propria rocha, e conversar-se sobre descida possível de paraquedistas, a eventual chegada de esquadras estrangeiras, a acção da quinta columna em Santos, etc., etc. É um novo capitulo que se abre, uma nova éra em que se entra, na Historia nacional. Em outros termos, começamos a ser "gente", a correr riscos, a tratar de coisas sérias, e a im-  
puberdade politica em que nossa situação geographica e nossa debilidade nos collocavam, parece ter cessado de vez. Assim se abre o capitulo: como se encerrará? Qual será o mappa do mundo, quando isto tudo amai-  
nar? É o que só Deus sabe.*

*Devo chegar Terça-feira, não sei bem a que horas, mas certamente depois do almoço. Ahí mataremos, se Deus quizer, as saudades que estão até rendendo juro, de tão grandes.*

*Papae já deve ter chegado. Mande-lhe um apertado abraço. Para a Sra., meu bem querido, muitos e muitos beijos e abraços do filho saudosissimo, que lhe pede respeitosamente a benção.*

*Plínio*

Na solidão de seu quarto, Dona Lucilia deve ter lido e relido inúmeras vezes essas linhas, consolada por lhe haver dado Deus um filho tão dedicado e generoso.

### *O primeiro livro de Dr. Plinio*

Ao iniciar-se o ano de 43, Dr. Plinio estava prestes a lançar seu primeiro livro, “Em Defesa da Ação Católica”, que desempenharia um importante papel na Igreja do Brasil.

Em fevereiro desse mesmo ano, Dona Lucilia havia descido a Guarujá com Dona Rosée e a família desta. Como já iam bastante adiantadas as tratativas com a Nunciatura para a publicação daquela obra, Dr. Plinio esteve com sua mãe apenas de passagem, vendo-se obrigado a retornar em seguida a São Paulo, a fim de dar rápido andamento aos assuntos do livro. Do litoral escreveu-lhe Dona Lucilia lamentando a ausência dele. No fim da missiva, Dona Rosée acrescentou algumas palavras, reforçando os irresistíveis apelos de sua mãe para que voltasse a se reunir a elas.

*Guarujá, 24-2-1943*

*Filho querido!*

*Ainda não recebi as notícias de tia Cotinha que me havias prometido, mas imagino que, uma vez entrado no emaranhado de tuas ocupações, te esqueceste de tudo, até de... oh, não! de mim nem “por hypothèse”, estás sciente? Senti muito te ver partir, mas espero em Deus, que possas voltar no próximo sábado. A estadia aqui está realmente muito agradável. Rosée tem me cumulado de agradós e cuidados, e Antonio sempre muito amavel, e mostram-se ambos muito desejosos de que voltes, e eu... não penso noutra coisa! Essa conferencia em Campinas, não pôde ser antecipada ou adiada?*

*Yelita e o fillinho chegaram ha dois dias, e o menino está tão contente, que disse hontem à mãe que lhe parece estar num sonho tão bom, que até tem medo de acordar! Feliz tempo: não?*

*Nélia deve vir para o hotel no próximo sábado e Nelita para aqui, o que será bem bom para Maria Alice, que,*

*como viste, pouco fala. Lê todo o tempo que está em casa, e sempre calada. Ela precisa de companhia de sua idade.*

*Em que ficou a compra da nossa casa? Tem aparecido outros pretendentes?*

*Como te tem tratado a Olga e a Sebastiana? Recomei-lhes tanto para que o fizessem com todo capricho!*

*Já fiz dois escaldapés com água do mar, e tenho muita fé no seu bom resultado. Já fui ontem e hoje à praia, e é pena que a chuva nos impeça de sair agora à tarde.*

*Não tem vindo cartas de teu pai? Manda Olga levá-las ao correio com o endereço para cá.*

*Recomenda-me a José Gustavo.*

*Com minhas bençãos, envio-te muitas saudades, beijos e abraços. De tua mamãe muito extremosa e amiga.*

*Lucília*

*Meu Pinimino<sup>8</sup>*

*Quando você vem? Estamos ansiosos por sua volta. Diga ao Padre de Campinas que você tem que visitar Mamãe. Graças a Deus ella tem passado otimamente, come muito bem, dorme bem, passeia e toma os sonhados banhos de pé. Volte logo, meu bem. Beijos de*

*Rosée.*

### **“O que terá acontecido a mamãe?”**

Depois da rápida visita de Dr. Plínio a sua mãe em Guarujá — mencionada pouco acima — um telefonema insólito e inexplicado foi para ele causa de aflição durante toda uma madrugada. Enquanto presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica, deveria voltar ao litoral para a inauguração de uma casa de retiros da JUC,<sup>9</sup> em Itanhaém.

Na noite anterior a essa viagem, soou o telefone em sua casa. Do outro lado da linha, alguém disse estar ligando de Santos e comunicou que de Guarujá queriam falar com Dr. Plínio. Porém, a linha caiu logo a seguir. Pensou ele imediatamente: “O que terá acontecido a

8) Apelido do tempo de criança.

9) Juventude Universitária Católica, uma das ramificações da Ação Católica.



*Grande Hotel de la Plage, em Guarujá*

mamãe? Estará passando mal e foram ao posto telefônico de Guarujá para me avisar?”

Dona Rosée, com quem Dona Lucilia estava, tinha por costume instalar-se no *Grande Hotel de la Plage* mas, naquele ano, alugara uma casa particular que não possuía telefone. Portanto, para se ter mais notícias não havia outra solução a não ser esperar que chamassem de novo.

Preocupadíssimo, Dr. Plinio passou o resto da noite ajoelhado junto à cama, para combater o sono e assim estar desperto caso o telefone mais uma vez tocasse. Porém, o aparelho permaneceu mudo o tempo inteiro.

Por circunstâncias que não vem ao caso narrar aqui, o ato de inauguração do estabelecimento da JUC se revestia de aspectos delicados que exigiriam bastante atenção e tato da parte de Dr. Plinio. Ora, o resultado concreto daquele telefonema foi que — tomado de cansaço por ter passado a noite em claro e preocupado pelo que teria acontecido a sua mãe — encontrava-se ele em condições físicas e psicológicas bastante desfavoráveis para enfrentar com êxito as situações difíceis que poderiam vir-lhe de encontro nesse dia. Mesmo assim, tomou resolute o trem para o litoral.

O ato em Itanhaém, presidido pelo então Arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar, felizmente transcorreu como Dr. Plinio desejava. Imediatamente após o seu término, dirigiu-se ele para Guarujá, onde teve a boa surpresa de encontrar Dona Lucilia inteiramente bem. Não menos surpreso ficou ao saber não ter partido de ninguém dali o estranho telefonema. O mistério dessa chamada anônima, nunca pôde ele desvendar...

### *Ardentes orações pela batalha de seu filho*

Dona Lucilia era mantida ao corrente, por seu filho, das providências referentes à publicação do livro “Em Defesa da Ação Católica”.

Numa carta escrita do Rio de Janeiro, Dr. Plinio lhe dá notícias dos progressos realizados para a obtenção de um prefácio do Nuncio Apostólico. Põe-na ainda a par dos intentos realizados no sentido de

reverter a situação provocada por uma injusta lei de inquilinato, promulgada pelo governo Getúlio Vargas, que prejudicava a fundo os legítimos direitos dos proprietários de imóveis de aluguel, acarretando-lhes — inclusive ao próprio Dr. Plínio — danos econômicos de monta. Porém, não foi bem sucedido nesta última iniciativa.



D. Bento Aloisi Masella, Nuncio Apostólico no Brasil, e fac-símile do prefácio dado para o livro “Em Defesa da Ação Católica”

Mãezinha de meu coração,

Aproveitando uns momentos livres, venho beijar-a mil e mil vezes, e dar-lhe algumas notícias:

1) O prefácio: o Sr. Nuncio chega amanhã de Petropolis, e receberá o Pe. Dainese. Este garante que o prefácio virá;

2) Os alugueis: fui mal sucedido no Tribunal. Mas o Marcondes<sup>10</sup> me mandou visitar por um official de gabinete. Não sei como elle soube que estou aqui. Pela lista de passageiros elle viu o nome de Adolphinho, pensou que fosse Tio Adolpho e mandou visitá-lo. Mas meu nome não sahiu na lista de passageiros. E entretanto, á tarde o official voltou para me visitar. Isto foi no sabado. Hoje, 2<sup>a</sup>, elle foi despachar com o Getulio em Petropolis. Devo estar com elle amanhã. Veremos.

Como vae sua saúde? Mil e mil beijos. Reze por minhas coisas.

Pede-lhe a bênção o filho respeitoso que a quer do fundo do coração

Plínio

Não há a menor dúvida de que Dona Lucilia rezou com fervor pelo êxito da viagem de seu filho ao Rio de Janeiro, e sua fé foi premiada, pois o almejado prefácio acabou por sair. De muita valia eram para ele as orações de sua piedosa mãe para levar adiante esse projeto. Finalmente, o livro foi lançado em junho de 1943.

10) Alexandre Marcondes Filho, um dos ministros mais salientes do governo Vargas. Sua esposa, Dona Mercedes, era prima-irmã de Dona Lucilia.



Dr. Plinio com traje de professor universitário

Pouco tempo depois, entretanto, diversos acontecimentos levaram à destituição de Dr. Plínio de todos os cargos que exercia na Arquidiocese, um após o outro, inclusive da presidência da Junta Arquidiocesana da Ação Católica, e do mesmo modo cessaram quase por completo os antes tão numerosos convites para discursar e fazer conferências. Numa palavra, de forma inexplicável, pesado ostracismo sobre ele se abateu. Apenas lhe permaneceu fiel o pequeno grupo de redatores do “Legionário”, o semanário arquidiocesano do qual era diretor. Deste cargo, também, as circunstâncias o levariam a se demitir mais tarde.

### *Dona Lucilia nota mudança de situação do filho*

Havendo seguido passo a passo a brilhante ascensão de seu filho como líder católico, Dona Lucilia assistia penalizada a mudança de condições no trabalho ao qual ele consagrara o melhor de sua vida, tendo como único objetivo a vitória da Igreja sobre o mal.

Ao longo de várias conversas com sua mãe, Dr. Plínio ia-lhe narrando o que sucedia, descrevia suas vicissitudes, bem como as conseqüências daí decorrentes. Não deixava também de pô-la a par da difícil situação financeira na qual fora lançado, devido à perda de seus melhores clientes.

Tudo isso ela ouvia com a sua habitual serenidade, sem a menor manifestação de acidez ou de ressentimento em relação àqueles que ocasionaram para seu filho tão brusca mudança.

Com resignação cristã, mediu ela as conseqüências desses fatos em sua situação pessoal. Antes era a mãe daquele que fora o mais jovem e mais votado deputado do Brasil, pólo de pensamento da opinião pública católica e até da não-católica; daquele idealista diante de quem se abria a perspectiva de brilhantes vitórias, até o triunfo final da Igreja sobre os seus inimigos. Agora se tornava a mãe de um homem ao qual o sucesso havia voltado as costas, e que passava a viver quase completamente isolado.

Porém, a Dona Lucilia um consolo restava, e isso era o mais importante: fosse no apogeu do prestígio ou em meio à contrariedade, seu querido “filhão” continuava sempre o mesmo.

### *“Não há o que quebre o Plínio”*

Outro sofrimento afligia Dona Lucilia: nada poder fazer em favor de seu filho, a não ser auxiliá-lo por meio da oração. No en-





Conferência de Dr. Plínio em Santos

tanto, alguns fatos que de vez em quando lhe chegavam aos ouvidos, por esta ou aquela pessoa conhecida, enchiam-na de consolação, pois lhe revelavam como, no meio de tantas tribulações, nada abatia o ânimo dele.

Um dia, por exemplo, Dr. Plínio voltava de balsa, em companhia de seu cunhado, Antônio de Castro Magalhães, de Guarujá para Santos, com destino a São Paulo. A pequena distância deles estava sentado um casal, do maior realce na sociedade paulista da época. Reconhecendo-o, sorriram com amabilidade, dando mostras de querer entabular com ele uma conversa. Dr. Plínio de há muito conhecia o marido, mas jamais fora apresentado à esposa, razão pela qual julgou mais atencioso não tomar a iniciativa de procurar o casal para o saudar pessoalmente. Essa atitude de reserva, julgou dever conservá-la ainda quando a esposa se pôs também

a cumprimentá-lo, de modo amável. Foi por isto que ele permaneceu no lugar em que se achava, em conversa com seu cunhado.

A dada altura, o marido não se conteve mais e, deixando a esposa a sós, levantou-se e foi alegremente falar com Dr. Plínio. A gentil atitude do eminente casal deixava ver como se mantinha intacto na sociedade paulista o prestígio do intrépido batalhador.

Antônio notou bem o que havia de reservado na cortesia de Dr. Plínio e, ao encontrar-se depois com Dona Lucilia, narrou-lhe esse pequeno episódio. Quando, à noite, ela esteve com seu filho para a habitual “prosinha”, o tema foi este. Cheia de contentamento, ela então lhe contou o comentário do genro: “Não há o que quebre o Plínio!”

### *Serenidade a toda prova*

Nenhuma circunstância, por pior que fosse, conseguia abalar a paz de alma de Dona Lucilia.

Certo dia, na pacata São Paulo de então, uma tragédia comoveu a cidade inteira.<sup>11</sup> Tendo-se incendiado um ônibus, na Avenida Angélica, morreram entre chamas inclementes muitos dos passageiros. O veículo era da linha “Avenida”, a mesma que Dr. Plínio costumava utilizar para ir ao escritório de advocacia.

Quando soube do pavoroso acidente, o primeiro pensamento de Dona Lucilia foi de que seu filho podia ter sido uma das vítimas.

Se para um coração materno nada há de mais confrangedor do que a perspectiva da morte de um filho, incalculável foi a angústia que tomou conta do espírito de Dona Lucilia. Mas acolheu-se confiante à proteção do Sagrado Coração de Jesus, diante de cuja imagem ficou rezando, à espera de alguma informação segura.

Dona Rosée, sempre muito expedita, começou logo a tentar localizar o irmão. Telefonou aos amigos dele a fim de averiguar se tinham notícias mais exatas, e lhes pediu que verificassem a identidade das vítimas.

Ora, justamente nesse dia, um dos amigos de Dr. Plínio do “Grupo do Legionário”, José Gustavo de Souza Queiroz, estava hospitalizado com uma grave doença, que acabaria por levá-lo desta vida, pouco tempo depois. Dr. Plínio abreviara suas ocupações no centro da cidade para lhe fazer uma longa visita, porém, se esquecera de deixar aviso em casa.

Afinal, por volta das oito e meia da noite, chegou ele sem ter a menor idéia da situação reinante no lar. Ao dobrar a esquina da Rua Sergipe, avistou a sobrinha, Maria Alice, junto ao portão da casa, andando inquieta de um lado para outro. Ela e Dona Rosée foram a seu encontro e, ainda sobressaltadas, contaram-lhe o ocorrido.

Avaliando a angústia de Dona Lucilia, Dr. Plínio entrou apressadamente em casa. Encontrou-a aflita, mas tranqüila, sentada na cadeira de balanço. Ele a abraçou e osculou como de costume, e lhe perguntou como se sentia depois dessa atroz tribulação.

Com a suavidade de sempre, Dona Lucilia respondeu:

— Meu filho, que bom vê-lo novamente! Estava apreensiva, mas acreditava que nada lhe tivesse acontecido... Agora vou me recolher, porque a preocupação afetou-me o fígado e não estou passando bem.

---

11) Eram 15 horas e 30 minutos do dia 1º de outubro de 1945.



Após um dia de tanto sofrimento, dos lábios de Dona Lucilia não partiu uma queixa sequer. Com a alma em paz, foi para seu quarto, dando graças a Deus por ter seu filho junto a si.

### *Cristal de Baccarat*

Alguém se poderá perguntar: naquela época de tão grandes transformações, qual foi o papel desempenhado por Dona Lucilia? Foi, antes de tudo, o da heróica fidelidade à tradição e aos princípios católicos.

A conferência de Yalta, já o dissemos, levantara um marco nas mentes, e a partir de então todo princípio era sacrificado em aras da convivência pacífica. Contra esse modo de ser, o grande ato de heroísmo de Dona Lucilia foi o de se manter sempre fiel aos princípios católicos. Ou, por outra, cada vez mais semelhante a seu Divino Modelo, o Sagrado Coração de Jesus. Isto implicava um martírio quotidiano, instante a instante, pois tudo convidava a uma atitude de concessão e de transigência perante o mal, e foi-lhe necessária uma retidão de alma

Dona Lucilia em visita à sede do "Legionário"

a toda prova, uma luta constante e total para permanecer inabalável em sua posição de fidelidade.

Ao mesmo tempo, a doçura dela fazia compreender quanto havia de humano nessa retidão. Do contrário, ter-se-ia a impressão de inclemência.

O cristal de *Baccarat*, forte mas capaz de uma certa flexão, bem poderia ser um símbolo dessa dama, cuja alma, por excelência, era assim. Suas delicadezas, as suavidades de seu trato, o acerto de seus juízos, a firmeza de suas decisões, todos os imponderáveis de sua pessoa, eram predicados que refletiam as singulares qualidades desse cristal, algumas até aparentemente antitéticas: brilho, distinção, rijeza ao lado da flexibilidade e da subtileza.

Esse era seu modo de ser até ao enfrentar as dificuldades e as borrascas da vida. Conquanto raras vezes tomasse a deliberação de chegar até a ruptura, era uniforme, não arredava pé, não recuava, não cedia. Não entrava em choque, mas avançava.

Nesta perspectiva poder-se-ia conjecturar que seu Anjo da Guarda deveria ser um Anjo sublime por sua enorme doçura e firmeza. Firme na doçura até o fim, doce na firmeza até o fim! Seria um Anjo cheio de misericórdia, meigo, de um atendimento pronto a todos os pedidos, que saberia olhá-los até o fundo e ter uma compaixão levada ao último ponto. Mas também um Anjo de grande discernimento: o que é verdade é verdade, o que é erro é erro, o que é bem é bem, o que é mal é mal.

Semelhante riqueza, capaz de abranger qualidades tão opostas, só se explica pelo fato de haver em Dona Lucília um ponto de equilíbrio fundamental, que dava a fisionomia da alma dela. Deus, que não vê somente esta ou aquela atitude, mas sim a fonte de todas, certamente a considerava desse modo.

Dona Lucília vivia como que numa redoma, mantendo todas as suas potencialidades sem efervescência, sem a agonia da inação, sem angústias inúteis, como as pétalas de uma flor que não se acotovelam, são irmãs e adornam a corola.

Assim, com toda a facilidade ela se movia na rosa-dos-ventos dos fatos e, conforme as circunstâncias, era sagaz, doce, amena, corajosa, prudente...

Mais do que os atos de virtude insigne por ela praticados, era bela essa harmonia de sua alma, que a auxiliava a manter-se sempre nesse ponto de equilíbrio.

### *No pórtico da ancianidade*

Em 22 de abril de 1946, Dona Lucilia completava 70 anos...

Na vida humana, 70 anos constituem um marco. Aí aparecem, como que cristalizadas, todas aquelas preferências e modos de ser que nortearam o desenrolar de uma existência. Naqueles que procuraram trilhar a via da virtude reluz então, como nunca — na fisionomia, nas palavras, nos gestos, nos atos, na ação de presença — a “soma das idades”: a inocência batismal, os sonhos da infância, as esperanças da adolescência, o vigor da juventude, a força e a estabilidade da idade madura, o perfume de uma velhice florida, a que agora se acresceriam os reflexos de prata da ancianidade, tudo temperado pelos sofrimentos que ao longo da vida lhe lapidaram a alma, transformando-a num como que diamante aos olhos de Deus.

Nessa lapidação — é o caso de lembrar — não faltou nem mesmo aquele tipo de sofrimento que sua antiga situação nunca faria prever: as dificuldades financeiras, após a morte de Dona Gabriela. No entanto, se Dona Lucilia fosse uma pessoa bem sucedida, talvez não alcançasse o patamar espiritual que atingiu. Por exemplo, se a família tivesse sido muito feliz nos negócios, e Dona Lucilia se encontrasse, portanto, na plenitude da fortuna, teria faltado algo em sua vida: o valor da posição que herdara de seus maiores, sustentada com grande categoria em meio às dificuldades. É mais ou menos como certos castelos: quando inabitados e em ruínas, têm maior grandeza do que muitos outros conservados intactos. Sob certo ponto de vista, Jó leproso em seu monturo era mais magnífico do que Salomão no esplendor de sua glória.

De outro lado, requintara-se em Dona Lucilia aquela afetividade brasileira colocada em termos afrancesados — um afeto delicado, educadíssimo e nobre, até na maior intimidade — e conservada qualquer que fosse a situação, de tal modo que ela era uma versão ao vivo da *Madame* de Grand-Air.<sup>12</sup>

Quão expressivo era aquele seu modo de se dirigir a Dr. Plínio para pedir algo:

— Filho, você quer pegar para a sua mãe aquele objeto? — nunca de forma brusca, mas sempre afável e distinta.

---

12) Grave, distinta e bondosa marquesa, personagem das histórias de Bécassine, mencionadas no cap. VI.

Um certo ar de gravidade senhorial, próprio de dama paulista dos antigos tempos, transparecia em todas as suas atitudes, mesmo quando andava dentro de casa, indo a uma sala, por exemplo, para apanhar uma costurinha. Este aspecto de sua personalidade formava um oposto harmônico com a meiguice, que em sua vida ocupava lugar preeminente.

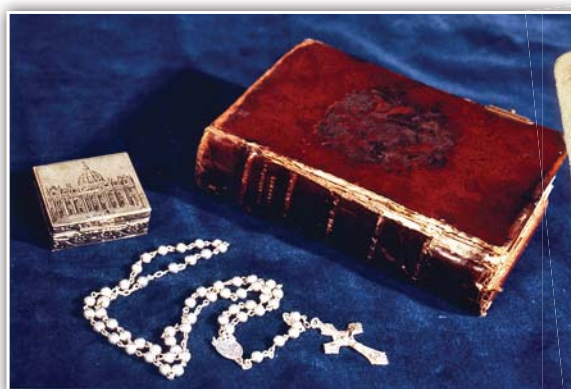
Usava uma cadeira de balanço trazida dos Estados Unidos por um tio dela. Quando se levantava, preferia não ser ajudada. Levantava-se por si mesma e o fazia como um monumento. Andava com seu passo característico, em geral ágil e discreto, por vezes vagaroso e solene, e sumia nos aposentos dela...

### *Insigne piedade*

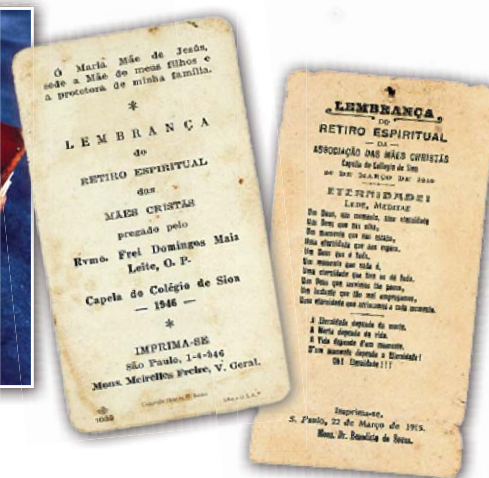
Durante aqueles 70 anos nunca esmoreceu em Dona Lucilia o amor a Nossa Senhora, cuja onipotente intercessão junto ao Sagrado Coração de Jesus ela tão bem compreendia. Desde seu nascimento, Maria Santíssima velava por ela, pois, como já vimos, Dona Gabriela lhe escolhera para madrinha a Virgem da Penha.

Havia em seu quarto, no mesmo oratório da imagem do Sagrado Coração de Jesus, outra menor, de Nossa Senhora das Graças. No lado esquerdo da cama, suspenso à parede, mais um oratório de madeira abrigava a imagem de Nossa Senhora da Conceição.<sup>13</sup> Como era de esperar em se tratando de pessoa tão devota da Santíssima Virgem, tinha lugar de destaque em sua piedade — já na mais remota mocidade — a recitação do santo rosário. Sua devoção mariana reluzia sobre-

Mário Shimoda



Objetos de piedade que pertenceram a Dona Lucilia



Lembranças de retiros feitos por Dona Lucilia

13) Cfr. cap. III, p. 90.

tudo durante o mês de maio, ocasião em que floria algumas imagens de Nossa Senhora que havia na casa.

Dona Lucília pertencia à Associação das Mães Cristãs e participou de alguns retiros — bem podemos imaginar com que recolhimento, seriedade e amor — promovidos pela entidade.

Outro testemunho de suas constantes orações nos é dado pelos muitos devocionários que, com cuidado, guardava numa gaveta em seu quarto para tê-los à mão quando desejasse.

O avançar dos anos não lhe fizera diminuir o desejo de comparecer às solenidades religiosas, onde pudesse satisfazer os melhores anelos de sua insigne piedade, apesar do esforço que o peso de seus sofridos 70 anos lhe exigiam.

Numa carta escrita a Dr. Plínio, em 26 de junho de 1946, terminava dizendo:

*Fui agora à noite à novena do Sagrado Coração de Jesus na igreja de Santa Cecília, e desejo repetir amanhã, e, se Deus me ajudar, como todos os anos, irei à missa, comungarei, e acompanharei a procissão no dia vinte oito, depois de amanhã à tarde. Acompanhei também parte da de Corpus Christi, que esteve concorridíssima, e no largo da Fe, recebemos a bênção. Quando de volta, exausta, meti-me na cama até o dia seguinte.*

*Bem, muito querido, cansada e com sono, despeço-me, enviando-te com minhas mais afectuosas bênçãos, muitos beijos abraços e saudades.*

*De tua mamãe extremosa*

*Lucília*

Quando Dona Lucília lhe enviou esta missiva, Dr. Plínio se encontrava em São Sebastião, no litoral paulista, para tratar da execução testamentária de seu amigo José Gustavo, falecido pouco tempo antes.